

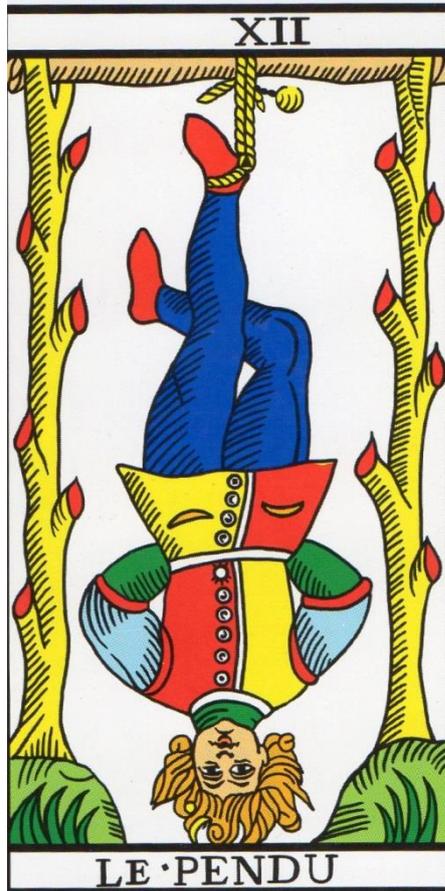


**Instituto Junguiano de Brasília**  
**Especialização - Turma V**  
**Artigo (4)**

**Crise e Arquétipo: o que podemos aprender com o “Enforcado” do tarô durante a pandemia.**

**Autora: Ana Cláudia Lachaitis Maltz**

**Brasília - DF**  
**2/2020**



(Baralho de Marselha – O Enforcado, NICHOLS, 2018)

## **CRISE E ARQUÉTIPO: O QUE PODEMOS APRENDER COM O “ENFORCADO” DO TARÔ DURANTE A PANDEMIA**

**ANA CLÁUDIA LACHAITIS MALTZ**

Sacrificar é o ato de tirar energia de um plano e reinvesti-la em outro plano a fim de produzir uma forma mais elevada de consciência (JOHNSON; RUHL, 2000, p.60)

Vivemos num tempo “diferente” onde as nossas certezas foram açoitadas, nossas estruturas de apoio estremeceram, nossos referenciais viraram de ponta cabeça e a terra da felicidade eterna foi invadida pela realidade da morte. Tempos diferentes... Tempos difíceis... Alguns já falam no “novo normal”, buscando, talvez, um tronco aonde se apoiar após o naufrágio. Precisamos de certezas... De ver as coisas pelo ângulo que estamos habituados a ver. Isso nos dá a sensação de segurança.

Pandemia... Pã-demia... Talvez estejamos atravessando florestas noturnas, encontrando a nossa solidão interior e o pânico de confrontarmos o “nosso” mundo moderno despido na sua vulnerabilidade.

Tempos diferentes... Dormimos de um jeito, acordamos na companhia de outro “espírito do tempo”. Ele mudou e não voltará a trás. Não seremos mais os mesmos.

Segundo Jung:

Ninguém pode proclamar que é imune ao espírito de sua própria época e que, por isso, possui algo semelhante a um conhecimento completo dela. Apesar de nossas convicções conscientes, todos nós sem exceção, à medida que somos partículas da massa, somos mordidos e corrompidos pelo espírito que circula através das massas. A nossa liberdade se estende somente até o ponto atingindo pela nossa consciência (JUNG apud HOFFMAN, 2005, p.144).

Mas, quem é esse espírito de um novo tempo, que chega de forma tão repentina e nos obriga, coletivamente, a uma des-aceleração forçada, a vivenciarmos nossa intimidade e a encarmos o valor do essencial?

Talvez seja a entrada da Era de Aquário? O fim dos tempos? Mudanças de paradigma?

São assuntos que Jung se interessou, estudou e que, com maestria, procurou tecer teias de compreensão.

Nesse contexto, uma das principais contribuições de Jung foi investigar a relação da consciência e o grande inconsciente, provando empiricamente que a consciência não é só um processo racional. A loucura e a neurose seriam causadas por um estreitamento da consciência, “quanto mais estreita e mais racionalmente focalizada a consciência do homem,

tanto mais o perigo de hostilização das forças universais do inconsciente coletivo” (NICHOLS, 2018, p.15).

Podemos também pensar nessa relação consciente e inconsciente num contexto coletivo, na medida em que:

Cada período tem o seu modo de ser, seus preconceitos particulares e seu mal-estar psíquico. Uma época é como um indivíduo; tem suas próprias limitações de visão consciente e, portanto, requer um ajuste compensatório. Isto é efetuado pelo inconsciente coletivo (JUNG apud HOFFMAN, 2005, p. 151).

Jung preferia chamar a consciência de “percepção”, que incluía toda sorte de formas não-rationais de percepção e conhecimento, que seriam como pontes buscando uma ligação com a fonte (self), no sentido de favorecer a expansão e o fortalecimento da consciência e a transcendência das exigências da vida (NICHOLS, 2018):

Jung dava grande valor a todos os caminhos não-rationais ao longo do quais o homem tentara, no passado, explorar o mistério da vida e estimular o seu conhecimento consciente do Universo que se expandia à sua volta em novas áreas de ser e conhecer. Essa é a explicação do seu interesse, por exemplo, pela Astrologia, e é também a explicação da significação do Tarô (NICHOLS, 2018, p.16).

Há formas de ler o invisível, pontes entre a consciência e o inconsciente onde o mistério e a sincronicidade marcam presença. São onde as “co-in-cidências” nos dizem a respeito da imensa importância do acaso. (JUNG; WILHELM, 1956). A-caos. Ordem primordial. Arquetípica.

Por arquétipos podemos entender a fonte primária de energia e padronização psíquica, fonte dos símbolos psíquicos, que fornecem uma concepção global da psique (STEIN, 1998). São imagens e experiências comuns, globais à humanidade. É o “programa” básico da nossa espécie.

O arquétipo em si é inacessível, mas, ele se manifesta através do símbolo. Entre essas formas simbólicas de ler o inatingível, temos os arcanos maiores do tarô, que compõem um baralho de cartas misteriosas, com aproximadamente seis séculos de existência. Sua origem vem de padrões profundos do inconsciente coletivo e representam uma forma de sabedoria ancestral, onde podemos buscar respostas criativas às perguntas universais que nos confrontam. São 22 cartas que representam as experiências típicas encontradas ao longo da existência e o contato com elas podem nos auxiliar a ampliar a nossa compreensão a respeito dos desafios que nos são impostos (NICHOLS, 2018).

A origem das cartas é desconhecida e suas imagens parecem ter irrompido espontaneamente, concentrando em seu material simbólico, níveis da experiência humana comum a toda humanidade. Os trunfos do tarô contam uma história, numa terra desconhecida e longínqua, habitada por estranhas criaturas (NICHOLS, 2018).

É uma jornada de forças arquetípicas que operam nas profundezas da psique humana. Os trunfos são detentores da projeção e, contemplando as imagens das cartas na realidade externa, sincronicamente acessamos as necessidades da nossa realidade interior (NICHOLS, 2018).

Mas, como esse oráculo milenar pode nos auxiliar nesse momento que estamos atravessando? Qual a mensagem, qual a lição que podemos apreender com esses desafios? Qual a finalidade dessa experiência? Pois, como dizia Viktor Frankl, “quem tem um porquê, enfrenta qualquer como”.

Nessa busca por um sentido, encontramos entre os trunfos do tarô um personagem interessante que nos coloca em “suspensão” e nos convida a entrar em contato com o sentimento de desamparo. Estamos falando do arcano XII, “O Enforcado”.

Antes de falar do arcano em si, é importante contextualizar a sua posição entre as 22 cartas do jogo. A sequência dos trunfos é encadeada a partir do “Louco”, carta zero, que é o vagabundo arquetípico, o nosso viajante. Ele parte para a “viagem do herói”, a história mais antiga do mundo. Essa viagem tem um padrão arquetípico, uma série de procedimentos, representados nas imagens dos 22 arcanos maiores do tarô. São como estações isoladas de uma grande jornada, onde cada desafio enfrentado abre o caminho para uma nova lição (BANZHAF, 1997).

Nesse caminho, o “Louco” encontra com o “Enforcado” após ter passado pela “Roda da Fortuna”, também conhecida como a roda do destino, onde operam as forças que estão além do nosso controle. Na sequência, ele se encontra com a “Força”, com a sua vitalidade, poder pessoal e com a necessidade de domar seus instintos. Confiante de si, ele é suspenso no “Enforcado”, para que, de cabeça para baixo, possa ver a realidade para além das perspectivas do ego. Mais humilde, ele pode então se confrontar com a “A Morte” e assim, renascer com mais consciência (NICHOLS, 2018).

Existencialmente, é uma sequência que nos coloca à mercê do destino (self). Somos convocados a sair do lugar conhecido (ego) para nos re-organizarmos numa outra perspectiva. A roda girou e algo precisa morrer. Nesse intervalo, somos dependurados pelo Universo. A pandemia, o isolamento e a desorganização da nossa rotina nos pegaram de surpresa. Ficamos desamparados diante do desconhecido. Nossa força e habilidades racionais não nos dão as

respostas que precisamos para voltar ao “normal”. A vida nos colocou em estado de espera. Estamos imobilizados, tendo que nos suportar e conviver, efetivamente, com pessoas nem sempre tão próximos afetivamente. Estamos diante da evidência da nossa finitude. Será um castigo dos deuses?

Voltando para a nossa imagem de análise, na carta do “Enforcado” vemos um moço dependurado de cabeça para baixo, amarrado por um pé a uma forca, entre dois postes que são árvores truncadas, com seis cotos que sangram aonde os galhos foram podados. As árvores estão crescendo de cada lado de uma fenda na terra, ou abismo profundo. A cabeça do moço está abaixo do nível da superfície, sob a terra. Com as mãos amarradas atrás das costas, o “Enforcado” se acha indefeso. Está nas mãos do destino. Não tem poder para modelar sua vida ou controlar seu fardo. Só pode esperar que uma força exterior o libere da atração regressiva da Mãe Terra (NICHOLS, 2018).

Esse é um castigo dado na Idade Média aos traidores. Ele não está sendo enforcado, mas sim, dependurado (*Le Pendu*). O castigo é a humilhação. O traidor era exposto em praça pública, para que todos o vissem. Sua vulnerabilidade está exposta diante do coletivo. Ele traiu a própria causa. Caiu numa armadilha por estar no caminho errado. É forçado, pelo destino, a voltar (BANZHAF, 1997).

Em alguns baralhos italianos é retratado com as moedas caindo de seus bolsos, representando a necessidade de inversão dos valores e do exame de nossas auto-traições (NICHOLS, 2018). É também uma carta que aparece no jogo como indicação da “Crise da Meia Idade”, período onde também se faz necessário o redirecionamento da energia psíquica.

Está numa situação humilhante, em oposição à *hubris*, à inflação que a presunçosa confiança na própria força humana confere. A cabeça, sede do pensar racional, deusa da nossa civilização contemporânea ocidental, está aturdida, fora do seu domínio de ação e os seus membros foram imobilizados. É difícil tolerar a inatividade forçada e o isolamento social. Instintivamente, buscamos inverter a carta, e colocar o “Enforcado” de cabeça para cima, para que ele possa continuar a percorrer os horizontes com sua atitude extrovertida. Mas não, ele está imobilizado por uma força maior, numa posição onde a profundidade se impõe. A cabeça toca o chão. É necessária uma inversão, olhar através de outra perspectiva (NICHOLS, 2018). O seu destino foi inconscientemente solicitado. Ele está sofrendo uma espécie de crucificação de cabeça para baixo. Qualquer ideia de que o intelecto do homem é a função dirigente da vida contraria a Grande Mãe que agarra o filho imprudente e orgulhoso pelos pés e enfia sua cabeça no ventre de sua terra úmida. Assim como o recém-nascido, ele está seguro pelos

calcanhares para levar umas palmadas e renascer para uma nova vida. Está suspenso entre os dois polos da vida: o nascimento e a morte (NICHOLS, 2018).

A condição do “Enforcado” nos remete à algumas características que, “coincidentemente”, são similares à nossa pós-modernidade: racionalidade, materialismo e inflação. Sabemos que os deuses desprezam a *hubris* (NICHOLS, 2018). O desafio da carta nos pede uma reformulação de valores, uma inversão. Mas, qual?

Apesar da desconfortável situação, nosso herói estranhamente apresenta a fisionomia plácida, tranquila e conformada. Podemos até imaginar que, antes de atingir esse grau de aceitação ele, que havia experimentado a sua força na estação anterior, deva ter se rebelado e lutado para erguer a cabeça novamente, colocar os pés no chão e continuar sua busca planejada (NICHOLS, 2018).

Visto também na sua posição invertida, como se estivesse na posição ereta, o “Enforcado” parece que está dançando, com as mãos nos quadris e os cotovelos para fora. Por esse prisma invertido, pelo olhar do inconsciente, o moço que parecia imobilizado parece agora mais leve. A estagnação e a frustração revelaram-se numa libertação (NICHOLS, 2018).

O nosso herói encontra-se também entre duas árvores podadas. A poda/castração da consciência/ego se faz necessária para um novo crescimento. O confinamento favorece que do ventre da Mãe Terra surja uma criatura renascida. É uma iniciação auto-imposta, para que novas reservas de forças sejam postas em ação. A introversão busca inspiração nas profundezas. A consciência do homem moderno está sediada na cabeça e, essa carta pede um sacrifício. O motivo do sacrifício e do desmembramento aparece nos cotos vermelhos de sangue das árvores truncadas e no vermelho das pernas e braços. Ele deve dar o sangue. Deve sacrificar sua compreensão, suas certezas e sua ação. A poda é necessária para a renovação. É um momento de importante transição (NICHOLS, 2018).

O “Enforcado” nos coloca a examinar nossa atitude consciente. Estamos sendo desalojados do nosso conforto, o que é perturbador. No entanto, também recebemos o convite para o desafio do novo, para olhar de outra perspectiva. A nossa independência foi suspensa, para que como crianças, possamos brincar de ser dependurados pelos tornozelos. É mais fácil aceitar as mudanças com uma atitude pueril, sem resistência. Faz-se necessário desapegar de velhos padrões para poder ver o novo. As moedas estão caindo dos nossos bolsos. Estamos sendo intimados a rever nossos valores (NICHOLS, 2018).

O Destino nos trouxe o tempo da crucificação. Estamos indefesos e nossa fé é posta à prova. O que nos sustenta é a sólida madeira da árvore. As pernas do “Enforcado” foram um número quatro (4), que representa também o “se sustentar em si”. A solidez está na natureza, na sua

natureza interior. Mas, para que os galhos possam se desenvolver novamente, é preciso que as raízes se aprofundem.

Jung via a situação do Enforcado como um convite para sondar novas profundidades do ser.

Mais um desafio, do que um castigo:

Pois, o inconsciente sempre tenta produzir uma situação impossível, a fim de forçar o indivíduo a desenvolver o que tem de melhor. Aliás, paramos de repente diante do que temos de melhor, não nos completamos, não nos compreendemos. Faz-se mister uma situação impossível, em que temos de renunciar a própria vontade e ao próprio juízo e não fazer outra coisa senão confiar na força impessoal do crescimento e do desenvolvimento (JUNG, 1962 apud NICHOLS, 2018, p.224).

O Enforcado prevê a necessidade de um sacrifício voluntário para a conquista de algo de maior valor. É preciso sacrificar a “zona de conforto” para abrir espaço para o desenvolvimento. Esse sacrifício pode ser também o das nossas atitudes enrijecidas pelo tempo, da nossa busca pelas fantasias inatingíveis, ou, da certeza da nossa superioridade intelectual (SHARMAN-BURKE; GREENE, 2009).

O crescimento solicitado é no sentido da profundidade. É a representação da grande crise, despertada por medos primordiais, que envolvem as questões do sentido da vida (BANZHAF, 1997).

Jung via a suspensão do “Enforcado” como uma necessidade existencial no caminho da individuação. Para tanto, afirma que:

Quem se encontrar no caminho para a totalidade, não pode escapar da suspensão característica representada pelo enforcado. Pois fatalmente encontrará o que o cruza: em primeiro lugar, o que não quer ser (sombra); em segundo, o que ele não é, porém o outro é (realidade individual do tu), o que é o seu não-eu psíquico, exatamente o inconsciente coletivo. E pouco adiante ele acrescentou: O encontro com o inconsciente coletivo é um acontecimento do destino, do qual o ser humano natural nada intui, enquanto não estiver envolvido nele (JUNG, O.C.vol 3, apud BANZHAF, 1997, p.101).

Não podemos responder às novas perguntas com as velhas respostas, aparentemente eficazes, da mesma forma que, ”não podemos viver à tarde da vida com o mesmo programa com vivemos a manhã, pois o que é muito pela manhã, à noite será pouco, e o que é verdade pela manhã, à noite será mentira (JUNG, O.C. vol 9, p.73 apud BANZHAF, 1997, p.102). A vida nos proclama a re-significar nossas experiências, re-editar nossas histórias e atualizar nossas perspectivas.

No “Enforcado” chegamos ao fim do caminho e temos que regressar. Adquirimos um modo de ver equivocado e agora precisamos inverter o pensamento, uma situação estagnou porque

deixamos de ver o que era importante, ou esquecemos. É preciso ter paciência, disposição e coragem para repensar. A crise que essa carta representa exige a desistência de exigências e expectativas ultrapassadas. O sacrifício precisa ser feito para que a vida possa continuar (BANZHAF, 1997).

A palavra crise em chinês também representa risco e oportunidade. Nesse tempo “diferente” em que estamos vivendo, onde fomos deliberadamente suspensos das nossas atividades normais, podemos nos colocar de “cabeça para baixo” e olhar para essa experiência sob a ótica do “Enforcado”, ou seja, como uma oportunidade de reavaliarmos nossas escolhas e de retornar aos valores primordiais, espirituais da existência. Antigamente, na história ocidental, as construções mais altas eram dedicadas ao divino (JOHNSON; RUHL, 2000). Hoje nosso domínio é material e, avidamente, nos apropriamos da realidade externa, nos distanciando assim, da nossa realidade interna. Mas, a nossa onipotência foi abalada. Estamos suspensos, indefesos e assustados. Precisamos achar o caminho de volta. Humildade deriva da palavra húmus, que significa terra fértil, ou seja, implica em que voltemos a terra (JOHNSON; RUHL, 2000). Por enquanto, estamos dependurados, com os cabelos tocando o chão. Só nos cabe aquietar nossas demandas assertivas e procurar ter consciência de que “tudo aquilo contra o qual lutamos no nosso mundo exterior é também uma batalha no nosso interior” (JUNG apud HOFFMAN, 2005, p.230). Mesmo impotentes quanto à realidade que nos cerca, ainda podemos, como o nosso amigo “Enforcado”, buscar o lugar de contemplação, ancorados na certeza de que se “o mundo de hoje está dependurado por um fio fino, esse fio é a psique do homem” (JUNG apud HOFFMAN, 2005, p.235).

## **REFERÊNCIAS**

BANZHAF, H. **O Tarô e a viagem do herói: a chave mitológica para os arcanos maiores**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1997)

HOFFMAN, E. **A sabedoria de Carl Jung**. São Paulo: Palas Athena, 2005.

JOHNSON, R; RUHL, J. **Contentamento**. São Paulo: Mercúrio, 2000.

NICHOLS, S. **Jung e o Tarô: uma jornada arquetípica**. São Paulo: Cultrix, 2018.

SHARMAN-BURKE, J. ; GREENE, L. **O Tarô Mitológico**. São Paulo: Madras, 2009

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma**. trad.Cabral.A. São Paulo: Cultrix, 1998.

WILHELM, R. **I Ching: o livro das mutações**. São Paulo: 1956.